

MAURICIO LYRIO

# Memória da pedra

*Romance*



Copyright © 2013 by Mauricio Lyrio

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

© Elliott Erwitt/ Magnum Photos/ Latinstock

*Preparação*

Alexandre Boide

*Revisão*

Huendel Viana

Luciane Helena Gomide

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lyrio, Mauricio

Memória da pedra: romance / Mauricio Lyrio. — 1ª ed. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2249-3

1. Ficção brasileira I. Título.

13-01578

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## O lugar incerto entre o acaso e a determinação

Não, o professor pensou, com as sobrancelhas franzidas, sempre altas na testa, como se quisessem distância do par de olhos tristes. Tentava dobrar os punhos da camisa enquanto trancava a porta de casa, mas os imprevistos no ritual de ida à universidade — a demora para arrumar-se, o engarrafamento, o pedido de desculpas à turma — repetiam-se quase toda semana. Preso no trânsito, já não parecia preocupado com a hora. Procurava afastar as imagens da noite em claro e recordava a passagem de um livro. Os alunos prestavam atenção quando ele deixava de falar dos textos dos filósofos e discutia suas ideias citando trechos de romances. Personagens imateriais, histórias arbitrárias, nascendo do nada, tinham mais apelo que a linguagem austera da filosofia.

Da pista entre o Estádio da Gávea e o Jóquei subia o calor do começo da tarde. Ele olhava o sinal aberto, os carros sem perspectiva de avançar para o engarrafamento seguinte, na Lagoa. A ansiedade alheia o acalmava.

Os garotos circulavam entre os carros. Havia dias em que se prostravam, esticados na grama do canteiro. Agora ziguezaguea-

vam descalços pelo asfalto quente, com as pequenas caixas de tampas recortadas, onde exibiam balas e chicletes. Entre os dedos, prendiam notas dobradas ao comprido, como borboletas de papel estranguladas no dorso das mãos.

À esquerda do professor, um dos garotos gesticulava para uma senhora no banco de trás de um sedã luxuoso. Tinha a altura do carro e uma cicatriz no peito, na forma de uma caneta, que descia da base do pescoço em direção ao braço esquerdo. Usava um calção largo, com o cadarço pendente. Os cabelos eriçavam-se para trás, como que arrepiados por um jato d'água.

Apesar das janelas fechadas, da calma do motorista, a senhora parecia insegura. Voltava o rosto para a janela oposta, como se buscasse algo nos muros do Jóquei.

— Me arruma um trocado, tia... Minhirmã tá com febre, num para de vomitar. Fica chorando direto.

O menino batia de leve no vidro, com a cabeça inclinada e a caixa de balas no colo. As pernas voltavam-se para dentro, o corpo torcido parecia mais frágil. Não devia ter mais de doze ou treze anos.

— Meu pai largou a gente, tia... Bateu muito na minha mãe e se mandou. Ela nem anda direito. Tá torta de tanto apanhar. Ele só aparece pra bater. Minha mãe cuida de nós seis, eu é que levo comida pra casa. Minhirmã vai morrer. Num para de vomitar.

Ela já não fingia ignorá-lo. Olhava-o de lado, enquanto ajeitava o lenço que protegia os ombros. Os olhos ganhavam tons claros quando o rosto penetrava a faixa de sol que dividia o carro ao meio. Tinham uma melancolia envergonhada.

O garoto contraía o rosto como num choro, deixando ver as gengivas salientes. Os dedos sujos esfregavam o fundo da caixa de balas, descascavam as bordas sem cor, como um pequeno roedor nervoso.

— Vai, tia, fala comigo. Minhirmã vai morrer. Num consigo olhar pra ela. Meu pai diz que ela num serve pra nada, que minha

mãe tem que jogar ela fora. Eu disse pra minha mãe que meu pai é um merda, e ela me deu um tapa na boca. Vou salvar minhirmã, tia, me ajuda.

Ele se agachou ao lado do carro, deixou cair a caixa de balas e se encolheu, como se quisesse proteger-se de algo. Abraçou as pernas e apoiou a cabeça sobre os joelhos. Assim ficou, sem levantar o rosto.

A senhora esticou o pescoço devagar, procurou ver onde ele estava. Disse algo ao motorista, que abriu a janela à direita e estendeu uma nota de dez. O garoto recolheu a caixa, enxugou os olhos nos ombros estreitos e enfiou a nota entre o calção e a cintura. Ao levantar-se, girou um pouco o corpo e notou que o professor o observava. Desviou o olhar e, com os dentes trincados, mostrou-lhe o dedo médio em riste, sem encará-lo de novo. Saiu andando, no sentido contrário ao dos carros.

Ao aproximar-se de outro garoto, que estava de costas, prendeu a caixa de balas entre o braço esquerdo e o peito e, bem perto de seu ouvido, esticou a nota nova num estalo, com as duas mãos, como se rompesse um barbante. O outro virou-se de susto e tentou correr atrás dele. O garoto já tinha fugido em direção à calçada, abanando a nota na mão direita.

O professor conhecia de vista a maioria dos garotos que trabalhavam no sinal. Via-os quase todas as tardes, reconhecia um estilo. Não era a primeira comemoração a que assistia, mas, dessa vez, quando o sinal reabriu e os carros enfim começaram a andar, ele arrancou com a sensação de que talvez não tivesse compreendido o que acabara de ver.

Subiu a escadaria de madeira de dois em dois degraus, a mão agarrando o corrimão como se puxasse uma corda. Àquela hora, vinte minutos depois do começo previsto da aula, quase

todos os alunos estariam presentes, mas ele encontrou a sala vazia. A luz oblíqua, atravessando as janelas altas ao fundo, iluminava as partículas de poeira no ar e fazia refletir a fórmica das cadeiras, o mapa descolorido na parede, de um mundo que já não existia. O silêncio da sala e dos corredores o incomodou. Podia ouvir o movimento das ruas que cercavam a faculdade do Largo de São Francisco. Ao dar aulas, abstraía-se das imagens de um centro tão próximo e tão distante e que agora, enquanto voltava a respirar normalmente, vinham a ele como caricaturas de outra cidade, de outro tempo — os ônibus em fila, sitiados pelo emaranhado de guarda-chuvas, os pombos e panfletos debatendo-se contra o espelho negro do arranha-céu, as sombras retangulares, monumentais, sobre os homens à paisana, na frente das casas de câmbio e de massagem.

Percebeu o aviso no quadro, as letras arredondadas, colegiais. Os alunos estão dispensados das aulas de hoje, sexta-feira. A Chefia do Departamento. Da palavra “dispensados” saía uma seta, que percorria o quadro comprido, fazia duas piruetas no meio do caminho e levava ao canto esquerdo, onde se via o desenho de uma menina com o rosto pintado à maneira dos índios. Um rosto redondo e sorridente.

O escritório do professor no departamento só não parecia mais apertado porque o pé-direito alto, intocado pelas divisórias de meia altura, desafogava a visão. Esticava os braços e quase podia tocar as paredes. Além da mesa e das três cadeiras, mantinha ali o que não atravancava o espaço: duas gravuras de Laura, que ela dizia renegar, uma pequena prateleira de parede, onde deixava os trabalhos do semestre, e um porta-casacos com um guarda-chuva pendurado, que seu antecessor deixara para trás. Não se lembrava da existência nem de um nem de outro, nem

mesmo nas tardes em que escutava o barulho da chuva no pátio e antecipava que chegaria encharcado ao estacionamento.

Tinha acabado de sentar, quando a moça entrou, cumpriu-o de modo discreto e entregou-lhe um envelope grande. O nome dele estava escrito na frente, a letra arredondada e colegial mais uma vez.

— Por que eles foram dispensados?

— Pediram para ir ao comício na Cinelândia. Já vieram de preto, com a cara pintada.

— Da próxima vez põe o que chegar direto no escaninho, ou na mesa mesmo. Não preciso do envelope.

Ela concordou com a cabeça, um ar prestativo, sem reverência. Ele não entendia por que ela estava vestida de maneira formal, mas o vestido amarelo caía bem sobre a pele negra. Ela saía, quando o chefe do departamento apareceu.

— Já se conhecem? — Tadeu tinha uma dicção perfeita, pausada, como se fosse uma perda deixar de compreendê-lo. O professor não desgostava dele, admirava o zelo e a dedicação, embora se cansasse com o tom didático, a lapiseira perfeitamente ereta no bolso da camisa bem passada. Tadeu o emulava de uma maneira ou de outra, invejava sua reputação como filósofo, mas não entendia como inteligência e dispersão podiam conciliar-se.

— Deixa eu te apresentar a Anita. Chegou ontem. Vai ajudar nos arquivos e matrículas. É bibliotecária, muito competente. Mais do que a gente precisa, na verdade.

O professor estendeu a mão.

— Sobre a aula de hoje, não pude te avisar porque tomei a decisão na hora. Esperei um pouco, mas os alunos estavam aflitos. Nenhum professor se opôs. Dispensei com a condição de que as aulas sejam repostas ainda este mês.

— Bom que eles foram — disse o professor, enquanto esvaíava o envelope.

Não teve vontade de ir. Não se recriminava mais por não se envolver — abaixo-assinados, greves, eleições, comícios. Talvez por afinidade, talvez para compensar a omissão, apoiava a tudo, não participando de nada. De todo modo, não se sentia bem naquela tarde. Tomava-o certo torpor, uma inércia que retardava o pensamento. Tinha o sono em falta e uma sensação de incongruência, de algo fora do lugar. Passou a mão sobre a mesa limpa, lentamente, como se confirmasse o alinhamento da superfície, o acerto do metal. Os dedos magros do garoto, arranhando o papelão da caixa de balas como um pequeno roedor, vinham-lhe à cabeça como fragmentos de um sonho estranho.

Foi à Cinemateca do MAM, o filme lhe parecia bom, o Aterro lhe fazia bem. Logo nas primeiras cenas percebeu algo familiar, o garoto com a lata de cones de amendoim correndo atrás da lagartixa Catarina, que fugia pela Quinta da Boa Vista. Não sabia se revia o filme ou se voltava para casa. Acabou cochilando e acordou perto do final, que lhe pareceu inteiramente distinto do que imaginava ter visto um dia.

Laura dormia na cama escura, o corpo tímido depois do sexo. Sobre a poltrona alta, a bolsa que trazia toda semana, com as roupas lavadas, os iogurtes naturais, as revistas de arte.

Quase sempre era ele quem adormecia primeiro, sem forças para vestir-se. Estava agora na sala, fumando no sofá, os pés sobre o vidro frio da mesa de centro. Não acendeu a luz; apenas ouvia o barulho dos carros deslizando sobre o chão molhado, a calma da chuva da madrugada. Pouco antes viu os olhos de Laura cintilarem no escuro, enquanto ele a sondava sem palavras, procurava ler seus pensamentos futuros. Não costumava conversar depois de transar. Estranhava aquele desejo súbito de descrever uma imagem.

Apoiou a cabeça precocemente grisalha sobre a almofada. Teve vontade de preparar uma bebida, mas não se animou a levantar-se.

\* \* \*

Eduardo não conseguia imaginar-se fazendo outra coisa senão ensinar filosofia, embora já não lembrasse o que o levou à escolha — a cabeça reluzente de Foucault no auditório repleto da PUC, os tomos azuis de capa dura nas bancas de jornais, o charme dos romances de Sartre e Camus. Logo cedo sofreu e herdou o suficiente para que a decisão sobre uma carreira não tivesse tanta importância.

Do colégio na Gávea saiu para a Faculdade de Filosofia no Largo de São Francisco, onde fez a graduação, o mestrado, o doutorado e se tornou professor. Ignorou conselhos e convites para estudar em outros países, como a França de Merleau-Ponty. Nunca pensou em deixar o Rio, não tanto pelo apego à cidade, mas por não querer largar o apartamento onde sempre viveu, o elemento de permanência em uma vida desde cedo marcada pela quebra. Estaria sempre ali, no oitavo andar da Marquês de São Vicente, onde passou a infância com os pais e, após a morte dos dois, parte da adolescência com a avó, Mina. Nem ela o convenceria a mudar-se, segura de que estariam melhor ao lado dos tios, em Teresópolis. Permaneceu no Rio para cuidar do neto, sem suspeitar que era ela quem mais precisava de cuidados. Com sua morte, quando ele acabava de completar dezesseis anos, Eduardo passou a morar sozinho, indiferente aos apelos pouco entusiasmados dos parentes que restavam e, mais de dez anos depois, às insinuações de Laura.

Por ter sido um momento sem peso, sem ausências, sua infância mais remota parecia a memória de um estranho. Recordava-se

de Caio, seu pai, sentado na sala, com os papéis no colo sob a luz forte e o ar de uma cumplicidade benigna, estendendo a mão que segurava a sua por trás da poltrona, enquanto ele, agachado e mudo, se escondia de quem o chamava para o banho. Lembra-se daquela voz seca da mãe, Leila, que se abrandava ao ler os nomes dos remédios espalhados na cama grande. Já duvidava da imagem dos dois sorrindo enquanto ele lia em voz alta um trecho dos cadernos de viagem do avô que não conheceu. Não chegou a encontrar os cadernos e passou a admitir que eram, tanto quanto as viagens daquele personagem sem rosto, fantasias de adolescência. Mais confiável era aquele meio-silêncio que o acompanhava desde a infância, o ruído de fundo que subia da Marquês de São Vicente e chegava antigo ao oitavo andar.

As lembranças vinham com esforço, aos pedaços, um tom de voz, a textura de uma palma da mão, um gesto isolado, uma sensação vaga de conforto e segurança. Perdera a inteireza do passado, a impressão de que, aos trinta e três anos, pudesse ser o desdobramento da criança que parecia tão protegida até os nove e que de repente se viu só, conformada à ignorância sobre o que teria acontecido aos pais, sobre que viagem súbita tiveram de fazer, como lhe diziam todos com o ar circunspecto e evitando detalhes que ele mesmo, impressionado com o zelo em torno de si, preferia não conhecer. A infância o abandonava à medida que as imagens dos pais — suas fisionomias e corpos — desapareciam da memória, como se vivesse uma segunda orfandade, indolor mas definitiva.

O caminho de retorno mais direto eram as lembranças do desaparecimento.

Recordava-se da última conversa, em seu próprio quarto. Caio à janela, de pé, e ele sentado na cama, os olhos cravados

na medalha sobre a colcha. Não sabia o que dizer, não queria mentir alegando que a encontrou na rua ou que a ganhou do amigo. O embaraço ao ver o pai entrar no quarto já dizia o essencial. Caio limitou-se a pedir que a devolvesse ao dono. Não alterou a voz, e quando Leila o chamou da sala, avisando que estavam atrasados, ele veio à cama beijar-lhe a cabeça com o sorriso terno de sempre.

Quando, na manhã seguinte, acordou e percebeu Vicente, seu tio, sentado ao pé da cama, a primeira reação foi fingir que dormia. Tinha medo de que soubessem que era ele, por sua falta indizível, o responsável pelo que tinha acontecido, fosse o que fosse. Mais tarde, na cozinha, Vicente iria dizer-lhe, com o rosto escondido e o copo de leite suado entre as mãos, que passariam uns dias em Teresópolis, Caio e Leila não voltariam logo para casa. Eduardo não disse uma palavra, e na serra fechou-se no quarto por uma semana, recusando a comida que Mina, de preto, insistia em trazer.

Passaram-se muitos anos até que ele começasse a compreender que o impulso de apanhar a medalha do amigo e o acidente de carro que envolveu os pais não guardavam outra relação senão o fato de terem acontecido no mesmo dia. Viveu momentos em que a culpa deu lugar à indignação, quando condenava o pai por ter reagido de maneira magnânima. Nunca conseguiu desfazer-se, no entanto, da sensação de que, naquele dia, ele rompeu um equilíbrio.

O interesse pelas circunstâncias da morte dos pais se extinguiria aos poucos, como um capricho, não tivesse ele — já então um professor em começo de carreira — encontrado por acaso antigos exames médicos do pai. Aconteceu quando olhava documentos de família, em busca das fotografias e dos cadernos do avô. Os papéis e as caixas estavam divididos entre muitas gavetas e prateleiras, sem ordem aparente, como o pai

havia deixado. Eduardo revirava miudezas — cartões-postais, classificados, bilhetes de amigos, entradas de cinema. Não entendia por que Caio tinha acumulado tantos indícios de uma vida desimportante, guardando a chave de momentos e situações que jamais seriam recuperados da memória de outra maneira, espontaneamente.

Entre os envelopes, sempre cortados à tesoura na parte de cima, encontrou um rasgado à mão. Tinha o timbre da Beneficência Portuguesa e o tamanho de um caderno pequeno. Dentro havia uma única folha, também timbrada do hospital, onde se liam o nome do pai, do médico e o parecer de um centro radiológico, que diagnosticava uma “lesão” de seis centímetros no pulmão esquerdo. Não havia referência a uma doença específica, apenas a menção àquele termo incomodamente impreciso. A data foi escrita à mão; não conseguiu identificar o dia, 14, 19, apenas o mês e o ano, setembro, 1968, dois meses antes do acidente de carro.

Gilberto, o oncologista que anos depois viria a tornar-se seu amigo mais próximo, recebeu-o com frieza, a voz seca, um aperto de mão que já o trazia para a cadeira.

— Como posso ajudar?

Sobre a camisa branca e a gravata, usava um jaleco comprido nas mangas, que quase avançavam sobre os dedos. Nas paredes, em lugar de diplomas médicos, havia fotos de carros esportivos.

— Preciso saber o que significa este exame. Também queria encontrar o médico que tratou do meu pai. — Esticou o braço com cuidado. O porta-retratos alto protegia a mesa.

— Onde está o seu pai?

— Já morreu.

— Quando?

— Há dezesseis anos.

O médico lia o exame ticando as linhas, como tarefas cumpridas. Provocava em Eduardo um sentimento de posse do papel.

— Como é que ele se tratou?

— Acho que não se tratou. Não sei se não quis.

— Você só tem isso? — Virou a folha antes de devolvê-la, não havia nada no verso.

— Falei com o hospital. Disseram que não tinham registro do meu pai, nem desse médico que pediu o exame. Vocês devem ter acesso aos arquivos.

— Sem a radiografia não posso dizer nada. Nem com a chapa dá para ter certeza do que é. Não havia tomografia na época, não se fazia endoscopia decente. Sempre pode ser uma lesão inflamatória, sem malignidade. Pelo tamanho parece câncer.

— Em estágio avançado?

— Para chegar a seis centímetros costuma ser um longo caminho.

— O que você diria a ele?

— Faz diferença agora?

— Eu não teria vindo aqui.

— Não sei. Dependeria do tipo de câncer, a localização no pulmão, o estado geral do seu pai. Eu pediria outros exames. Talvez na época não pudessem fazer muita coisa. Ele tinha que ser operado.

— Não lembro que tenha passado um tempo fora de casa.

Eduardo pôs a mão no bolso. Tateou a película de plástico, o isqueiro dentro do maço. Irritou-se pelo constrangimento diante de um médico, um médico que não era seu, uma consulta que não era exatamente para si.

— Qual era a chance de sobrevivência com câncer de pulmão?

— Há quase vinte anos? Muito baixa, ainda pior que hoje. Sete em dez pacientes morrem até cinco anos depois da cirurgia. O diagnóstico é quase sempre tardio, os sintomas custam a aparecer. A metástase é frequente — linfática, sanguínea, por contiguidade. É dos piores tipos...

— Ele devia saber que tinha uma doença grave?

— A vida não é a mesma com um tumor desse tamanho. Deve ter emagrecido, devia tossir. Podia vomitar sangue se a lesão envolvesse os brônquios. Quantos anos ele tinha?

— Trinta e nove.

— Você não lembra como ele morreu? Não tem um laudo, o atestado de óbito?

— Foi um acidente de carro. Dois meses depois do exame.

O médico levantou os óculos, esfregou o rosto. Tinha os olhos salientes de peixe, o ar consciencioso de quem se preocupa mas não tem tempo. A boca não tinha cor, como o gomo ressecado de uma laranja.

— Como é que foi o acidente?

— Ele caiu da Niemeyer.

— Como assim, foi atropelado?

— Não. O carro despencou.

— Como é que um carro despenca da Niemeyer?

— Na época não havia mureta em todos os pontos.

— Tinha mais alguém no carro?

Eduardo reparou os sapatos brancos de couro em baixo da mesa, sobre a banquetta ortopédica. O branco asséptico que o abatia, nos sapatos, no jaleco, na luz mortiça. Atrás do médico, do outro lado da rua, uma senhora regava as plantas da varanda apertada, mexia no bolso largo do vestido como se abrigasse um pequeno animal.

— Por que você quer saber se ele tinha câncer?

— Só quero ter uma ideia do que se passava na cabeça dele.

— Você acha que ele se matou, é isso?

— Não acho nada.

O médico começou a arrumar os objetos sobre a mesa. Alinhou o porta-canetas à almofada do carimbo, manuais e catálogos à linha lateral. Tudo tinha seu lugar, uma simetria exata e inútil. Eram mãos compridas, calosas nas falanges, pareciam tocas demais para perceber os sinais do corpo.

— Quase toda semana eu tenho que dizer a pelo menos uma pessoa que a brincadeira acabou. É a parte mais difícil. O que espanta é que são poucos os que morrem longe da cama, caindo de um prédio, cortando os pulsos. Costumam ir até o fim.

— Mesmo com a dor...

— Mesmo com a dor do câncer. Pode ser brutal, mas não é a pior parte. Não é pior que o medo. E mesmo assim as pessoas vão adiante. Não têm coragem de se matar. Se agarram a qualquer esperança.

— Seus pacientes não pensam em suicídio?

— Não converso sobre isso.

Já não havia o que dizer. Não ouviria as respostas de que precisava.

— Como eu encontro esse médico que pediu o exame ao meu pai?

— Você não encontra — Gilberto guardou na gaveta o bloco de papel que tinha colocado à sua frente.

— Você não pode ajudar?

— Ele já morreu. Virgílio foi meu professor na UERJ. Um bom médico, uma bosta de professor.

— Qual era a especialidade dele?

— Na faculdade? Cito.

Eduardo franziu a testa.

— Citopatologia: patologia celular — disse o médico.

- Câncer?
- Principalmente.

Deprimia-o sentir que conhecia cada vez menos aqueles personagens que julgava ter amado e cuja ausência os magnificara a uma dimensão irreal. Talvez Caio sofresse de câncer e soubesse da gravidade de seu estado; talvez evitasse contar a Leila e desejasse pôr fim a tudo; talvez tivesse mesmo matado os dois, sabendo que era a única maneira de evitar o sofrimento de Leila, frágil em seu corpo anoréxico, dependente em seu amor incondicional.

Pode ter sido apenas uma palavra, ele atônito ou contrariado ao volante, enquanto ela, o bom senso de sempre, repetia que era preciso dizer algo àquele que ficou para trás, a gravidade do ato e a importância do pedido de desculpas, ou a gravidade da doença e a urgência de se preparar para o pior. Ou um lapso, um momento de abandono do corpo, que não tem como responder a uma vontade. Talvez não houvesse uma linha nítida entre o acaso e a deliberação.

Eduardo visitou os tios na mesma época do encontro com o médico.

Havia anos que não ia à casa de Teresópolis, tão presente ao longo da infância, mas que acabou associada ao silêncio da semana do acidente. Antes de entrar, pensando no que dizer, percorreu o pátio externo, a terra laranja e poeirenta sob as folhas grossas, que não se sustentavam no ar. Gostava das ligeiras ondulações do piso, onde via sua assinatura, que fizera com o dedo no cimento ainda fresco, ao lado das marcas dos pés miúdos, que lembravam saboneteiras de criança.

Berta o recebeu com um abraço masculino, amassando o avental plastificado que continuava a usar, mesmo tendo dei-

xado de fazer suas peças de cerâmica havia tanto tempo. A sala pouco arejada e os passos de Berta sobre o piso de madeira que rangia como um convés faziam reviver uma estranha familiaridade. As paredes continuavam cobertas de vasos e pratos que ela produzira. Nunca se dispôs a vendê-los, por conterem sempre uma pequena imperfeição, que só ela identificava.

— Seu tio não vai te reconhecer. Você já está com cabelo branco dos lados, tão cedo, que nem o seu pai. Vinte e um ou vinte e dois?

— Vinte e cinco, Berta.

— Caio começou com essa idade. Aos trinta parecia um avô.

Procurava esconder a surpresa com as manchas no rosto de Berta, os olhos secos. Sempre foi a mais falante e extrovertida da família, tímida só quando lhe pediam que cantasse ou recitasse seus poemas. Nos tempos em que se reuniam, era quem organizava as brincadeiras das crianças e preparava o café da manhã. Era a excêntrica, a que pensava nos outros.

Eduardo sentiu a mão magra que vinha por trás, para apertar seu ombro. Berta sorriu ao ver Vicente ao lado do sobrinho.

— Duda, há quanto tempo... Não tem vergonha de esquecer os tios nesta casa?

Vicente beijou-o sem jeito, quase no pescoço, com a cabeça trêmula. Tinha marcas de travesseiro no rosto, o cabelo ralo e desalinhado. O tempo não mudara o estilo; havia sempre algo de inacabado no aspecto: um sapato desamarrado, o cabelo de quem acordou, o creme de barbear na ponta da orelha. Usava agora uma bengala, e não perdera o hábito de ajeitar, a todo momento, a camisa por dentro da calça, o que se tornava mais difícil com uma das mãos ocupadas.

Eduardo só conseguiu falar do acidente à tarde, depois que os três almoçaram. Tinha medo de quebrar a atmosfera afetuosa de uma visita que parecia motivada pela saudade.

— Por que você quer saber sobre aquele dia? Será que vale a pena falar sobre isso? — perguntou Vicente, enquanto olhava para Berta. Os três ainda estavam à mesa, os corpos relaxados pelo almoço longo.

— Não é nada importante. Só queria saber como eles morreram. Fiquei muito tempo sem querer ouvir o que aconteceu.

O tom de voz era menos casual do que pretendia. Levou a xícara vazia à boca.

— Não sei se ficou algum registro do acidente. Testemunhas, nem pensar. Imagina o que era a Niemeyer nos anos sessenta.

— E outros carros envolvidos?

— Não se sabe de nada. Alguém deve ter feito uma barbearagem e fugiu. O Caio dirigia bem. Meio morrinha, mas era seguro. Ele não fez besteira. — Vicente tentava reacender o charuto. Apertava o isqueiro com força, para disfarçar o tremor que se agravava com o tempo.

— Não acho que ele tenha feito nada de errado. Só quero ter uma ideia do que aconteceu.

— Não tem nada para saber.

— O que as pessoas disseram na época?

— Nada. Dizer o quê? O choque foi tão grande. Ninguém ficou pensando nisso.

— Não havia indícios no lugar do acidente? Marca de tinta de outro carro na lataria?

Berta começou a recolher com a faca as migalhas de pão sobre a toalha de mesa. Varria o linho devagar, com a cabeça inclinada. Vicente parecia incomodado com o silêncio.

— Não dava para saber se o carro tinha marcas. Ele bateu nas pedras antes de cair na água.

— Mas o carro foi recolhido, não?

— Junto com os corpos.

— Você chegou a ver o carro?

— Para que você quer saber isso?

Vicente levantou-se para apanhar a caixa de fósforos sobre a cristaleira. Fazia um grande esforço para mover o corpo. O hábito antigo de levantar de repente para remexer os bolsos talvez tivesse se tornado penoso demais.

— Você foi ao lugar do acidente? Havia marcas de pneu no chão, de freada? — Eduardo já não escondia a impaciência.

— A polícia disse que não tinha sinal de nada. Não dão importância para isso.

— Acharam estranho que não tinha marca de pneu?

— Eles não têm que achar nada. São todos uns incompetentes. Um tenentinho veio me dizer que achava que o Caio tinha dormido no volante, que tinha ido direto, sem fazer a curva.

\*\*\*

Escurecia rápido, o navio afastava-se do poente. A lembrança da sombra no rosto de Marina tornava mais fácil aceitar a morte. Uma fita triangular de navegação tremulava no meio de uma corda tesa, gorda do vento, como uma língua de réptil. O corpo

estava frio, sem pulso nem sinal algum, completamente largado sobre o seu. Já não havia quem observasse o pôr do sol, não havia o que olhar, apenas uma faixa de luz parda que se diluía sobre o horizonte, cada vez mais turva, indistinta do oceano. Completava-se o abandono lento em seus braços, sob o sorriso da portuguesa enternecida pelo aconchego da moça no ombro do marido. Era a suavidade da morte pública e despercebida.

Ele tentava olhar adiante. Teria sido outra história se Marina tivesse se jogado ao mar. Cinquenta, sessenta, setenta metros de altura. Ele teria que se jogar também, arriscar a vida para ter o que enterrar, e iria junto, ninguém mergulha de um navio supondo que sobrevive, muito menos que salvará alguém. Se tivesse que se matar, haveria de ser como um prazer, o prazer que em vida lhe era torto. Deixaria o corpo boiar sobre o oceano, sem peso, ao sabor das correntes, o sono mais pesado e completo que alguém já teve. Talvez o prazer de jogar o corpo no vazio fosse ainda maior. Deixaria o ar limpar os pulmões e os pensamentos, purificar a vida que ficava para trás, no alto da amurada. Seria outro por um lapso, não haveria tempo para pensar no impacto. Talvez o mar restaurasse o sono, a onda fria embalasse as costas, o oceano como o único lugar em que os insones não são insones, embora lhes falte imaginação para sabê-lo. Tinha a impressão de que nunca mais adormeceria, enquanto ela dormiria para sempre, egoísta no sono final, a soberba daquele que reaprende a dormir e deixa o outro na vigília. Teria sido pior se ela tivesse esperado a volta para se matar. Ele aguentaria a náusea de cada milha. Agora podia abandonar o barco. Nada de Ilhas Canárias, Cádiz, Sevilha, nada do balanço que o torturava no convés ou na cabine. Olhava a distância em direção à noite e via o corpo desembarcar em Cabo Verde, sobrevoar o mar até Lisboa, voltar ao Brasil sobre o mesmo mar, as mesmas ilhas escassas do Atlântico. Dois, três dias com o corpo frio e rígido, *rigor*

*mortis*, velava-o pelos ares, um fardo em plena leveza de nuvens, a dor que alçava ao sol dentro de um saco impermeável, um caixote de metal. Estariam no céu, um corpo que apodrece, um homem que chora, um amor que já não é mais.

Alguém se aproximou, parou ao lado da amurada. O uniforme branco e impecável usado pelos tripulantes, certa familiaridade de hospital.

— Preciso da sua ajuda.

— *What can I do for you, sir?*

— Minha mulher está morta.